

# Sem um talismã: os próximos 50 anos da História Social

**Antonio Luigi Negro\***

DUARTE, Adriano Luiz; MÜLLER, Ricardo Gaspar (Orgs.). *E. P. Thompson: paixão e política*. Chapecó: Editora Argos, 2012, 362p.

**Palavras-chave:** História Social — E. P. Thompson — Brasil.

**Keywords:** Social History — E. P. Thompson — Brazil.

*“Ele sempre reconheceu o débito que ele e o ofício do historiador em geral contraíram com Marx, mas hesitou crescentemente em se autodenominar um marxista. Ele preferia dizer que escrevia no interior da tradição marxista. Sempre insistiu que classe era um conceito e uma ferramenta de imenso valor para o exame das estruturas sociais, mas constantemente desacreditava de muitos dos sistemas teóricos fechados e auto-referidos que dela se valiam.”*

Dorothy Thompson (a respeito de E. P. Thompson)

Em 2013 completou-se o primeiro meio século da edição original de “A formação da classe operária inglesa”. O livro aqui em evidência, “E. P. Thompson: paixão e política”, contribui para compreendermos nossas leituras de Thompson e nos convida a refletir sobre a metade que falta para o centenário de “The making”.

Não constitui surpresa referir-se a Thompson nos mesmos termos que ele usou para falar de William Morris, no pós-escrito de seu primeiro livro (cuja primeira edição é de 1955, revista para a segunda versão de 1976). Além de sublinhar a oportunidade da (excelente) tradução desse pós-escrito figurante na coletânea de Duarte e Müller, vale a pena registrar que Thompson, assim como Morris, era um “pensador socialista original” (p. 38). Exibindo seu tino para a polêmica, o historiador inglês abre suas mãos — já vazias — de “conceitos talismânicos”, a saber, aqueles conceitos que fazem “identificar instantaneamente se a teoria de referência de qualquer pessoa ou grupo é ‘burguesa’ ou ‘revolucionária’”. Tampouco terá existido, prossegue Thompson, “uma única, ‘correta’, ortodoxia socialista imamente” (p. 39). Desse modo, a tradição romântica abraçada por Morris, segundo Thompson, “não deve ser definida nos termos de suas características tradicionais” (p. 52) — conservadora, regressiva, escapista, utópica, subjetivista, idealista —, pronta para sucumbir, como uma delicada pequena burguesia, diante da mais superior estratégia possível, um marxismo incontornável. “Isso significa dizer que a crítica moral ao processo capitalista convergia para conclusões concordantes com

---

\* Professor de História da UFBA e pesquisador do CNPq.

a crítica de Marx”. Se coube a Morris “estabelecer sua junção”, não foi como alguém que “tornou-se um marxista”. Morris não era um alienado cuja tradição de pensamento não dispunha de recursos próprios para a crítica social e, portanto, dependia “da difusão dos escritos de Marx e Engels” para iluminar-se com um espírito crítico. Enfim, não era um “convertido ao marxismo” (p. 53). De novo, o modo como Thompson se refere a seu biografado diz muito do próprio biógrafo. Em lugar de um talismã numa mão e uma credencial de filiação na outra, Thompson preferiu remeter-se ao marxismo como uma tradição, ou seja, como um conjunto de referências que são comungadas ao mesmo tempo em que são reelaboradas de forma mutante e heterogênea, em um dado contexto.

Um segundo e importante gancho entre a tradução supracitada e os artigos da coletânea “E. P. Thompson: paixão e política” está no franco desenvolvimento — progressivamente descentralizado — da pesquisa acadêmica no Brasil. Sobre os 21 anos que separaram a primeira da segunda edição da biografia de William Morris, Thompson escreveu: “o terreno da pesquisa acadêmica mudou, bem como a preocupação dos pesquisadores” (p. 23). Somam-se dinamicamente por aqui, tanto as variadas preocupações de Thompson quanto a heterogeneidade dos leitores que o abraçam, representando isso uma forte razão para o apelo do livro organizado por Duarte e Müller. Esta coletânea é, com efeito, o somatório de artigos de quatro pesquisadores em História (Ciro Flamarion Cardoso, Henrique Espada Lima, Sidney José Munhoz e Adriano Luiz Duarte), de três da Educação (Maria Célia Marcondes de Moraes, Célia Regina Vendramini, Regina Célia Linhares Hostins) e um da Sociologia Política (Ricardo Gaspar Müller), que se reuniram — de forma presencial ou por escrito — para refletir sobre a contribuição de E. P. Thompson às Ciências Humanas. O resultado são oito artigos que, em conjunto, mergulham no debate sobre os conceitos (ou talvez noções) de cultura, experiência, o modo de fazer pesquisa, as trocas historiográficas, o estudo das multidões e seus protestos, o exterminismo, a lei e o costume e, enfim, a própria importância de Thompson para a teoria social.

Embora isso seja um tanto arriscado — e deixando de lado a tradução do pós-escrito —, talvez seja possível dividir os textos em dois grandes blocos (apesar de heterogêneos e das pontes entre si). Embora todos os autores estejam, sem exceção, atentos às conexões com a realidade brasileira e com a contemporaneidade, há, de um lado, textos que examinam em detalhes aspectos da obra de E. P. Thompson com leituras e comentários minuciosos sobre seus textos, investigando a sua impactante contribuição para a pesquisa e para a teorização em Ciências Humanas. Há, de outro lado, artigos que situam o percurso de Thompson no seu próprio tempo e lugar, tanto no contexto de seus grupos de atuação quanto no das trocas historiográficas.

Quanto ao primeiro bloco, alguns temas têm sido objeto de intensa atração, tais como experiência, cultura, ação coletiva, protesto popular, lei e costume. Não escapam, assim, ao indagativo olhar de Célia Regina Vendramini, Sidney José Munhoz, Ricardo Gaspar Müller, Maria Célia Marcondes de Moraes e Adriano Luiz Duarte. Por outra parte, outros temas ainda podem receber maior interesse e exploração por parte dos estudiosos, como, por exemplo, os temas do ofício do historiador e o do exterminismo (escritos, respectivamente, por Regina Célia Linhares Hostins e Ricardo Gaspar Müller). À guisa de mera indicação, poderia ser citado o bloco dos temas ausentes, o da literatura ou o dos costumes em comum. E, portanto, cito: a “tenacidade da autopreservação” dos de baixo, com “seus traços mais robustos e desordeiros”, cuja linguagem politicamente não articulada lhes serve para con-

servar “certos valores — espontaneidade, capacidade para a diversão e lealdade mútua —, apesar das pressões inibidoras” (*A formação*, v. 1, p. 62). No entanto, este bloco dos ausentes serve — tão somente — para ratificar algo que o livro já faz por si só: quão desafiante e sedutor é abordar Thompson e sua obra.

No bloco cujo ponto distintivo é o contexto do historiador E. P. Thompson, seja na esquerda da Grã-Bretanha, seja no mundo acadêmico europeu, é possível reunir Ciro Flamarion Cardoso e Henrique Espada Lima. No espaço desta resenha (muito aquém da profundidade e do empenho com que operam todos os artigos da coletânea), é por meio deste segundo bloco que é possível enxergar uma interessante questão, com ramificações que atravessam o primeiro bloco. Em seu artigo, Ciro Cardoso afirma que o uso do conceito de cultura, na obra de Thompson, é “frequentemente inadequado e insuficientemente discutido teoricamente” (p. 113). Ao desenvolver seu argumento, o autor se afasta de Thompson por este ter trazido da Antropologia “uma noção nada marxista de cultura” (p. 117). Contudo, Ciro Cardoso conclui que sua crítica não diminui em nada a “lufada de ar” que Thompson significou para os estudos marxistas, por ele ter aberto “perspectivas novas” (p. 123). Para Célia Vendramini, se Thompson supervalorizou a “consciência dos sujeitos sociais”, ele não pode ser confundido com o questionamento da centralidade das relações produtivas “no processo de produção da existência humana” (p. 143). Logo, enquanto em um artigo o marxismo rareia, no outro, é um equívoco confundir o valor dado àquilo que os trabalhadores pensam, sentem e desejam — o modo como os trabalhadores percebem e representam a sua própria vida — como um questionamento da centralidade das relações produtivas. Thompson está, em última instância, no campo do “materialismo histórico e dialético” (p. 135).

Por sua vez, Henrique Espada Lima (p. 185) faz ver que a tradição marxista de Thompson foi recebida com reservas pela micro-história, para quem o fragmento e o detalhe, o singular e o inusitado, o acaso e o fenômeno não consistem em motivo para receios. Edoardo Grendi, leitor pioneiro de “*The making*”, ao notar a equação “formação da classe — maturação de uma consciência de classe — movimento político da classe para o poder”, asseverou: são “termos críticos, decididamente inadequados como parâmetros analíticos para a história das classes trabalhadoras da sociedade industrial”. De qualquer modo, Karl Polanyi — e não Karl Marx — e o socialista utópico — e não o científico — Robert Owen conectaram Thompson e Grendi. Este último, mesmo assim, não abriu mão de debater, pois, para ele, o estudo da sociedade burguesa não fornece categorias adequadas para a compreensão de outras sociedades (p. 193). Resgatando a Antropologia para uma outra troca, Grendi defendeu o uso do conceito de grupo social no lugar do de classe (p. 206). Mais uma importação nada marxista? Pode ser repleta de indiferença a resposta, dado o “ponto forte” de Thompson — esquina de encontro com Grendi — situar-se na “experiência do vivido” (p. 208).

Coletânea gestada desde 2003, a partir da marcante iniciativa de refletir sobre os 40 anos de “*The making*” e os dez anos do falecimento de Thompson, é nela possível perceber uma inquietude com as “leituras que favorecem a ‘desmarxização de suas ideias’”. Em resposta, defende-se “uma reorganização ontológica e epistemológica” do pensamento de Thompson (p. 298). Duas outras passagens parecem de algum modo dialogar com esse trecho. Em primeiro lugar, numa correspondência, Engels observou: “a palavra materialista servia a muitos escritores jovens como uma simples frase por meio da qual tudo era classificado sem a necessidade de aprofundar o estudo” (p. 227). A concepção materialista, Engels escreveu, não era uma desculpa para não estudar a História. Ela era, sim,

uma ferramenta para uma investigação com abertura para o novo. A precisão, em segundo lugar, não é uma grande característica do marxismo; apesar de tudo o que se diga em contrário. Fiquemos com a coletânea. Na “Formação da classe operária inglesa”, seu autor operou “com dois modos distintos, e muitas vezes antagônicos, de apreensão do universo da lei” (p. 338). A lei ora aparece como mediação das lutas de classe, ora aparece como uma forma de dominação de classe. “Essa variação depende do contexto”, é explicado. Decerto, a História, escrevia Thompson, é uma disciplina que examina um processo em um contexto que, ainda mais, observa no seu método a fricção entre a pesquisa molecular e a generalização macroscópica. Instituir um E. P. Thompson marxista ante o vislumbre de sua desmarxização? Uma pergunta para ser respondida hoje e nos próximos 50 anos. Insólita pergunta para um historiador que não possuía — e por isso mesmo não legou — um talismã.

---

Recebida em 01/10/ 2013

Aprovada em 10/12/2013